

Tenho a sensação de que algures dentro de ti
existe qualquer coisa que todos desconhecem.

Mentira (Shadow of a Doubt), 1943

DOMINGO,

24 de outubro

CAPÍTULO UM

O marido está quase a chegar a casa. Desta vez, vai apanhá-la em flagrante.

Não existe uma amostra de cortina, uma lâmina de estore, no número 212 — a casa pintada de vermelho-ferrugem para onde o casal Mott foi viver logo a seguir ao casamento, até se separar recentemente. Nunca os conheci, mas, volta e meia, passo pela Internet e espreito o perfil dele no LinkedIn, a página de Facebook dela. A lista de casamento continua *online* na Macy's. Ainda vou a tempo de lhes oferecer várias peças do faqueiro.

Como eu dizia: nem uma única cortina nas janelas. O que significa que, do outro lado da rua, o número 212 tem todo o aspeto de olhar no vazio, e faço o mesmo e ponho-me a observar a dona da mansão a encaminhar o empreiteiro até ao quarto do casal. O que se *passa* com aquela casa? É o lugar onde esmorece o amor.

A mulher é linda de morrer, uma ruiva verdadeira, com olhos verde-mate e um arquipélago de pequenos sinais formando um trilho nas costas. Muito mais bonita do que o marido, um tal Dr. John Miller, psicoterapeuta (isso mesmo, especializado em terapia de casais), e um dos 436 000 John Miller *online*. Este espécime em concreto tem consultório perto de Gramercy Park e não trabalha com a segurança social. Segundo a escritura, desembolsou 3,6 milhões de dólares pela casa. O negócio deve correr bem.

Sobre a mulher, pode dizer-se que sei mais e sei menos. Não se trata de uma dona de casa, isso salta à vista. Os Miller mudaram-se há oito semanas, e as janelas continuam despidas, *tsss, tsss*. A dama pratica ioga três vezes por semana, arrastando escada abaixo o

tapete mágico enrolado debaixo do braço, pernas comprimidas pelas calças de ioga. Além disso, aposto que deve fazer voluntariado algures, visto que sai de casa pouco depois das onze às segundas e sextas, hora a que me levanto, e regressa entre as cinco e as cinco e meia da tarde, quando me preparo para assistir à minha sessão de cinema noturna. (O programa de hoje: *O Homem Que Sabia Demasiado*, pela enésima vez. Sou a mulher que via demasiado.)

Já deu para perceber que ela aprecia uma bebida à tarde, tal como eu. Será que também gosta de tomar o seu copo logo de manhã?

A sua idade continua a ser um mistério, apesar de ser mais nova do que o Dr. Miller e mais nova (e ágil) do que eu; quanto ao nome, só posso especular. Quando penso nela, penso em Rita, porque dá ares à Rita Hayworth no filme *Gilda*. «Não estou minimamente interessada»; adoro essa deixa.

Pela parte que me toca, estou imensamente interessada. Não no corpo dela — o topo esquelético da medula espinal, as omoplatas lembrando asas atrofiadas, o sutiã azul-bebé comprimindo os seios: sempre que qualquer uma dessas visões surge diante da objetiva, desvio o olhar —, mas na vida que leva. Nas vidas, melhor dizendo. O dobro do que eu tenho.

Pouco passa do meio-dia quando o marido dobra a esquina, não muito tempo depois de a mulher ter fechado a porta da frente, com o empreiteiro a reboque. É uma aberração: aos domingos, o Dr. Miller costuma voltar para casa às três e um quarto, sem falta.

Porém, eis que o bom do doutor percorre o passeio, a deitar os bofes pela boca, com a pasta a dar, a dar numa das mãos, a aliança de casamento a refulgir. Faço *zoom* para ver melhor os sapatos dele. Uns *Oxford Oxblood*, brilhantes de graxa, captando a claridade outonal e pontapeando-a a cada passada.

Levanto a máquina fotográfica e aponto-a à cabeça do artista. Artilhada com as lentes *Opteka*, a minha *Nikon D5500* não perde um pormenor que seja: cabelo salpimenta todo esgrouviado, óculos banais e baratos, restos de barba nas faces balofas. O homem é mais cuidadoso com os sapatos do que com o visual.

Voltemos ao número 212, onde a Rita e o empreiteiro despem a roupa num frenesi desesperado. Pensando bem, podia ligar para as informações, telefonar lá para casa e avisá-la. O ato de observar equivale a fotografar a natureza: é proibido interferir com a vida selvagem.

O Dr. Miller está a meio minuto da porta principal. A boca da mulher percorre o pescoço do empreiteiro. A blusa dela é a primeira peça a saltar.

Mais quatro passos. Cinco, seis, sete. Faltam vinte segundos, quando muito.

Ela prende-lhe a gravata entre os dentes e os olhos sorriem. A sua mão brinca com a camisa. A boca dele roça-lhe na orelha.

O marido dá um pequeno salto para se esquivar de uma laje defeituosa do passeio. Quinze segundos.

Quase consigo ouvir a gravata a escorregar pelo colarinho. Ela lança-a para o meio do quarto, chicoteando o ar.

Dez segundos. Faço de novo *zoom*, o focinho da máquina fotográfica contrai-se com um movimento rápido. A mão do consorte mergulha no bolso, reaparece à tona com um molho de chaves. Sete segundos.

A mulher desfaz o rabo de cavalo, deixando o cabelo baloiçar pelos ombros.

Três segundos. O marido sobe os degraus.

A mulher cruza os braços nas costas dele e beija-o apaixonadamente.

O marido enfia a chave na fechadura. Roda a chave.

Faço *zoom* sobre o rosto dela, os olhos desmesuradamente abertos.

Ouviu-o.

Tiro uma fotografia.

E é então que a pasta dele se abre de repente.

Levados pelo vento, voam de lá vários papéis. Torno a apontar a máquina fotográfica para o Dr. Miller, direitinha ao «porra» que se forma na sua boca; pousa a pasta na entrada, pisa um punhado de folhas com os sapatos brilhantes, arrebanha outras tantas com os braços. Um fragmento rasgado mais rebelde ficou preso entre os ramos de uma árvore. Ele não dá por isso.

Outra vez Rita, tratando de enfiar os braços pelas mangas, puxando o cabelo para trás. Apressa-se a sair do quarto. O empreiteiro, abandonado à sua sorte, salta da cama, deita a mão à gravata e enfia-a no bolso.

Respiro fundo. O som sibilante assemelha-se a um balão a perder ar. Não me apercebera de que estava a sustentar a respiração.

A porta da frente abre-se: Rita desce precipitadamente os degraus, sempre a chamar pelo marido. Ele vira-se. Calculo que esteja a sorrir, mas a verdade é que não consigo ver. Ela imobiliza-se subitamente e apanha vários papéis espalhados pelo passeio.

O empreiteiro abre a porta, uma das mãos metida no bolso, a outra no ar em jeito de saudação. O Dr. Miller corresponde ao cumprimento. Sobe até ao patamar, arrebanha a pasta, e os dois homens apertam as mãos. Entram juntos em casa, vigiados de muito perto por Rita.

Bom. Talvez para a próxima.

SEGUNDA-
-FEIRA,
25 de outubro

CAPÍTULO DOIS

A viatura passou há momentos, lenta e soturna como uma carinha fúnebre, as luzes traseiras iluminando a escuridão.

— Temos vizinhos novos — digo para a minha filha.

— Qual é a casa?

— Do outro lado do parque. O duzentos e sete. — Já chegaram. Parecem espectros na obscuridade, a exumar caixas do porta-bagagens.

Ela faz barulho a mastigar.

— O que é que estás a comer? — pergunto. É noite de comida chinesa; está a bater-se com uma tigela de *lo mein*.

— *Lo mein*.

— Enquanto falas com a tua mãe, não.

Ela volta a sorver a massa chinesa.

— *Oh mãe!*

É uma espécie de braço de ferro entre nós as duas. Só para me contrariar, ela reduziu o «mãe» a uma expressão rude e coxa.

— Deixa lá isso.

Ed mete a sua colherada, mas convém não esquecer que estamos a falar do paizinho querido.

— Devias ir cumprimentá-los — sugere Olivia.

— Bem que gostaria, minha aboborinha¹.

Subo ao andar de cima, onde a paisagem é melhor.

¹ *Pumpkin* significa abóbora, aboborinha, termo igualmente utilizado no tratamento afetuoso. (NT)

— Oh, há abóboras *por tudo quanto é sítio*. Todos os vizinhos têm uma. Os Gray têm quatro. — Cheguei ao patamar, de copo na mão, resquícios de vinho ao canto da boca. — Quem me dera poder apanhar uma abóbora para ti. Diz ao pai para te arranjar uma. — Bebo um pequeno gole e engulo. — Diz-lhe que arranje duas, uma para ti e outra para mim.

— Está bem.

Vejo a minha imagem refletida no espelho escuro da casa de banho pequena.

— Estás contente, querida?

— Sim.

— Não te sentes sozinha?

Nunca fizera amigos em Nova Iorque; era demasiado tímida e demasiado pequena.

— Não.

Do alto da escada, costumo perscrutar as trevas lá em baixo. Durante o dia, o sol entra pela claraboia em forma de cúpula; de noite, funciona como um enorme olho cravado sobre o fundo da escada.

— Tens saudades do *Punch*?

Seja como for, também não se dava bem com o gato. Numa manhã, por altura do Natal, o animal tinha-a arranhado, ficando as garras no seu pulso e deixando ficar duas marcas que pareciam os pontos cardeais: norte-sul este-oeste. Uma teia de sangue vermelho-vivo tingiu a pele, evocando o traçado do jogo do galo, e Ed esteve vai-não-vai para atirar o bicho pela janela. Vou à procura dele e encontro-o enroscado no sofá da biblioteca, a observar-me.

— Deixa-me falar com o teu pai, aboborinha.

Preparo-me para o voo seguinte, sentindo a rugosidade do tapete na sola dos pés. Vime. O que nos terá passado pela cabeça? Suja-se com demasiada facilidade.

— Ora viva, campeã — saúda-me ele. — Vizinhos novos?

— Sim.

— Não tivemos vizinhos novos há pouco tempo?

— Isso foi há dois meses. No duzentos e doze. Os Miller — digo, dando meia-volta e descendo as escadas.

— Onde é que moram os outros?

— No duzentos e sete. Do outro lado do parque.

— A vizinhança está a mudar.

Quando chego ao patamar, contorno-o.

— Viajam com pouca bagagem. Trouxeram o carro carregado e mais nada.

— Talvez os homens das mudanças apareçam depois.

— Deve ser isso.

Silêncio. Bebo um gole.

Eis-me de novo na sala, junto à lareira; as sombras entranham-se nos cantos.

— Escuta uma coisa — começa Ed a dizer.

— Têm um filho.

— O quê?

— Existe um filho — repito, refrescando a testa no vidro fresco da janela. As lâmpadas de sódio ainda não chegaram a esta província de Harlem, e a única iluminação da rua provém de uma tirinha da Lua, mas, ainda assim, consigo distinguir as silhuetas deles: um homem, uma mulher e um rapaz alto, caixas e caixotes em fila indiana até à porta de casa.

— Um adolescente — acrescento.

— Calma, tigresa.

— Quem me dera que cá estivesse — digo, sem conseguir evitar.

Aquilo apanha-me desprevenida. E a Ed a mesma coisa, pelos vistos. Há uma pausa.

— Tens de dar tempo ao tempo — diz ele, por fim.

Fico calada.

— Os médicos dizem que estar demasiado perto não faz bem.

— Fui eu a médica que disse isso.

Ouvi qualquer coisa estalar atrás de mim — deve ser lenha a queimar na lareira. As chamas aquietam-se, ficando a murmurar na chaminé.

— Porque não convidas os novos vizinhos aí para casa? — sugere ele.

Esvazio o copo.

— Acho que por esta noite já chega.

— Anna.

— Ed.

Quase consigo ouvir a respiração dele.

— Tenho pena de que não estejas aqui connosco.

Quase consigo ouvir o meu coração a bater.

— Também eu.

Punch veio ter comigo cá abaixo. Pego nele só com um braço e torno a levá-lo para a cozinha. Coloco o telemóvel em cima do balcão. Uma última bebida antes de me deitar.

Agarro na garrafa pelo gargalo, viro-me para a janela, na direção dos três fantasmas que povoam o passeio, e faço um brinde à saúde deles.